

Idéias e conhecimento em Portugal Setecentista: estudo sobre a presença do método experimental nos ambientes da Segunda Escolástica (1690-1772).

Autor(a): Aline Amorim Cavalcante. Graduação Departamento de História FFLCH/USP. Bolsista FAPESP, dezembro de 2005 a dezembro de 2006. Orientadora: Ana Paula Torres Megiani.

O objetivo principal deste estudo consiste em conhecer o processo de recepção e disseminação do método experimental de matriz newtoniana em Portugal, através dos ambientes de letrados da Segunda Escolástica. Para atingir tal objetivo, estudaremos mais especificamente a trajetória dos principais religiosos e letrados portugueses do período abordado: Jacob de Castro Sarmiento; Inácio Monteiro; Luís Antonio Verney e Teodoro de Almeida. Partimos originalmente da hipótese de que, ao verificarmos os autores em questão e as suas principais obras, poderíamos explicitar como se deu a divulgação de uma nova mentalidade ligada à ciência moderna, por meio da atividade dos maiores representantes da ilustração portuguesa.

O movimento de refutação da filosofia escolástica e a recepção de um novo paradigma científico e filosófico, fundamentado principalmente no método físico-experimental possui momentos diversos, cujo apogeu e vigor dependem essencialmente da tradição cultural preexistente em cada país. A análise de distintas instituições católicas, bem como o não pertencimento [ou engajamento] direto e vital a essas instituições na trajetória dos ilustrados em questão, são os pontos cruciais que norteiam a nossa análise. O que, de todo modo, confirma a presença de várias vozes das Luzes em Portugal, e a manifestação destas em ritmos e tonalidades diversas. No entanto, levantamos a hipótese de que dentro de toda essa heterogeneidade, podemos encontrar traços comuns e ideais que unem a grande rede de letrados, como, por exemplo, a crença na razão, no progresso e na utilidade social das ciências. Visões similares que contribuem para a formação de uma verdadeira República das Letras, marcando fortemente o caráter cosmopolita das Luzes.

O presente texto consiste dos resultados obtidos durante o primeiro semestre da pesquisa e da entrega do relatório parcial à FAPESP. Portanto, como pretendíamos partir de uma leitura das obras que correspondiam aos letrados católicos e às suas respectivas

instituições, iniciamos pela consulta da obra do oratoriano Teodoro de Almeida. Na qual consultamos até este momento apenas o primeiro volume deles: *A Recreação filosófica e analítica ou diálogo sobre a Filosofia Natural. Para instrução de pessoas curiosas que não freqüentam as aulas*. A leitura da obra do oratoriano Teodoro de Almeida e os inúmeros questionamentos que ela suscita, são suficientes para percebermos diversos aspectos levantados, inicialmente pela pesquisa. A estrutura pela qual, T. de Almeida apresenta aos leitores a sua *Recreação filosófica*, demanda um cuidado especial no seu tratamento, pois nos revela posicionamentos que são extremamente importantes sobre o caráter da ilustração portuguesa e do processo de recepção do método físico experimental. Além disso, as características singulares do autor, como por exemplo, o lugar social de onde fala e a análise da sua trajetória como educador e religioso, necessitam de um olhar atento e minucioso, para não cairmos no campo das generalizações e dos lugares-comuns. Pois a ilustração portuguesa, possui um caráter multifacetado e heterogêneo, não correspondendo equivalências rígidas de posições entre os diversos letrados.

A Recreação filosófica é o texto mais importante do padre oratoriano Teodoro de Almeida, não somente pelo enorme sucesso editorial que alcançou na península ibérica, mas pelo fato de ser fruto de uma missão a qual Teodoro de Almeida se incumbiu, de divulgação do novo método físico experimental. O historiador Contente Domingues classifica-o como o “mais extenso projeto do enciclopedismo português da segunda metade do setecentos”.¹ Além disso é um texto singular naquilo que nos revela e apresenta. Pois explicita o intenso embate e a tentativa de diálogo que algumas instituições e, sobretudo, alguns espíritos superiores travavam entre o referencial teórico que os balizava e o novo paradigma de pensamento que procurava penetrar por entre as fissuras do bloco escolástico. Teodoro de Almeida não representa como é sabido uma voz solitária no momento em que escreve, todavia a sua proposta é uma das mais eficazes naquilo a que se propõe.² No entanto, a própria instituição que integra, o período no qual inicia as suas conferências de

¹ DOMINGUES, Francisco Contente, **Ilustração e Catolicismo. Teodoro de Almeida**, Lisboa: Edições Colibri, 1994, pág. 45.

² Reflexo disso é a nossa proposta inicial de pesquisa, aonde pretendíamos estudar a trajetória de outros letrados do período, como o Pe. Inácio Monteiro (1724-1812), Luís Antonio Verney (1713-1812) e Jacob de Castro Sarmiento (1699-1764). No entanto, cremos que a nossa opção feita pelo Pe. Teodoro de Almeida é pertinente não somente pelo fato do seu projeto de divulgação da física experimental ser um dos mais eficazes, como também pelo próprio caráter desse trabalho, uma pesquisa de Iniciação Científica.

filosofia experimental e a publicação da *Recreação filosófica*, são conjunturas essenciais que permitem dar o relevo e realce à sua figura.

Configurando-se como uma obra de caráter pedagógico de divulgação das ciências atinge um enorme sucesso editorial, já quando do seu lançamento. Os primeiros volumes foram rápida e sucessivamente editados, o que reflete a receptividade do público. As edições que esses seis primeiros volumes tiveram ainda no decurso da vida de Teodoro de Almeida, são indícios do sucesso editorial que o livro atingiu. Por exemplo, o 1º e o 2º volumes tiveram cinco edições cada, o 3º e o 4º seis edições a maioria corrigidas e aumentadas. O sucesso editorial não se restringe apenas a Portugal, na Espanha, esse sucesso é tal que segundo Contente Domingues, não tem paralelo com outro autor português no período:

“Esgota tiragens de mil e quinhentos ou dois mil exemplares das traduções das suas obras, que vamos encontrar nas bibliotecas de algumas figuras cimeiras do país [Espanha], como na de Jovellanos ou na de Campomanes, em cujo catalogo aparecem a *Recreação* e o *Feliz independente*, bem como o *Verdadeiro método* de Verney e a *Tentativa theologica* do oratoriano Pereira de Figueiredo”.³

O volume que temos em mãos e, portanto, o único que nos foi permitida a consulta até o presente momento, é já uma terceira edição do primeiro volume datada de 1758. Nesta edição encontramos alterações e acréscimos de algumas partes. Nela Teodoro de Almeida faz um discurso elogioso ao Rei D. José I e ao monarca precedente D. João V, pela proteção que estes deram às letras e à nova Filosofia. Cito-o: “(...) socorrendo com livros, com Máquinas, com Instrumentos exatos os que a ela se aplicaram, louvando-os, estimando-os, e dignando-se de honrar com a sua assistência as Experiências físicas.”⁴ A Congregação do Oratório goza nesse momento (também desde o reinado de D. João V) de uma importante proteção por parte do Rei aos seus empreendimentos pedagógicos. Almeida acrescenta ainda um *Discurso preliminar sobre a História da Filosofia*, o que representa uma novidade de peso em relação às edições precedentes. Almeida inspira-se na obra de Luís Antonio Verney, *O verdadeiro método de estudar*, publicado em 1746.

³ Idem, ibidem, pág. 51.

⁴ Idem, ibidem.

Teodoro de Almeida organiza o texto em forma de diálogo, recurso bastante recorrente na época, dispostos em várias *Tardes* nas quais se dariam conferências sobre filosofia experimental. Estas conferências se passam na casa de Teodósio adepto do método moderno, aonde se reúnem: um discípulo seu, Eugênio, homem da corte cujo interesse principal é instruir-se na matéria filosófica, juntamente com um legítimo representante da filosofia escolástica, o médico peripatético Silvío. A *Recreação* apresenta ao leitor um programa básico das matérias que podem constar em um curso de Filosofia Natural do século XVIII e que, segundo Teodoro de Almeida, já em alguns pontos se tornaram consenso entre os seus pares. Para Contente Domingues, “não se pode afirmar que por esta via se exponha um pensamento originalmente brilhante, no que estão de acordo os quantos se lhe referem; não deparamos todavia com um mero veículo de conhecimentos adquiridos e assentes, visando tão somente a sua divulgação, muito embora consegui-lo fazê-lo não fosse pouco.”⁵ O próprio Teodoro afirma que não tratará com muita profundidade estas matérias mesmo pela forma e estrutura que escolheu, como também pelas “circunstâncias do país”.

A obra do padre oratoriano Teodoro de Almeida diz desde o início ao que veio, imprimindo ao seu empreendimento um caráter claro de missão, de profissão de fé, na divulgação pedagógica das ciências. O seu objetivo é pois, servir à pátria e conduzir ao bom caminho da razão aqueles que se encontravam privados da luz do conhecimento. A sua obra se tornará um canal, uma via de acesso facilitada ao estudo da filosofia natural, segundo o método moderno.

O aparecimento de fissuras na “velha ordem” cultural se dá justamente em confronto com uma via que caracterizava os seguidores da escolástica, que é a questão do método. Acreditamos que o próprio título da obra, *Recreação filosófica* seja, em si, um resumo do seu projeto. Através de um método pedagógico simples e acessível é possível “descobrir o véu da natureza” e explicitar as maravilhas do seu grande artífice. T. de Almeida divulga o novo método físico experimental sem os tropeços e impedimentos de um método antigo que começa já a ruir em Portugal. Constrói sobre os seus “destroços”, ou

⁵ DOMINGUES, Contente.op. cit., pág. 46

pelo reaproveitamento do seu edifício, um novo arsenal metodológico que é orientado para o despertar do interesse por uma filosofia que é transmitida justamente por meio de uma “recreação filosófica”. Esta é uma das preocupações primordiais do oratoriano, pois este encarava o ensino “como um processo agradável sem o peso da memorização excessiva e falha de incentivos que de um modo geral caracterizava o tipo de aprendizagem seguido usualmente na época”⁶, nas palavras, mais uma vez, de Contente Domingues.

Devemos ressaltar que mesmo que o título expresse que a obra é destinada para “as pessoas (...) que não freqüentaram as aulas”, fica aqui subentendido que a obra se destinava igualmente para aqueles que freqüentavam as aulas e que se encontravam presos aos quadros tradicionais de formação.⁷ É justamente por meio de um método pedagógico que, posteriormente, se firmará como sendo extremamente eficaz e que se coloca em forte oposição ao método escolástico, que Teodoro de Almeida inicia os “curiosos” na filosofia moderna. Na *Recreação* o ensino é encarado pelo seu autor como um processo que diverge essencialmente de um saber livresco. A curiosidade e o seu despertar são, pois, o primeiro estágio para enveredar pelo caminho das ciências. A autoridade inquestionável do mestre e da sua doutrina são postas de lado. O ambiente mesmo em que se procede ao estudo da natureza não se mantém encerrado nos ambientes austeros das instituições de ensino. O recurso a um ambiente estranho ao tradicional é também uma importante forma de questionamento de um saber em que somente se procedia recorrendo-se à autoridade dos antigos. Desse modo, os fenômenos físicos podem ser observados diretamente, a natureza apresenta-se como um grande laboratório do mundo.

A pedagogia de Almeida estava baseada em uma perspectiva orientadora dos experimentos, dando extrema relevância à realização e observação das experiências reais, através dos quais os fenômenos físicos eram postos em contato direto com os alunos. Normalmente Teodósio ilustra a Eugênio experiências do cotidiano próximo, procurando

⁶ DOMINGUES, Contente. Op. Cit. , pág. 147.

⁷ A reforma do ensino em Portugal, na qual está estabelecido um programa e um método “moderno” de estudos só se dará oficialmente quando da reforma promovida pelo então primeiro ministro do Rei D. José I, Sebastião José de Carvalho e Melo. A reforma foi iniciada pelos “estudos menores”, em seguida passou-se à reforma do “Estudo Geral” de Coimbra. Os Estatutos da reforma foram corroborados pelo rei em 28 de agosto de 1772. Anteriormente a isso o que se verifica são tentativas isoladas, não unificadas e de algumas figuras , não tidas ainda como programas oficiais de Estado, como no caso a que estamos tratando.

explicitar as causas e efeitos dos fenômenos físicos. O que de fato, é um argumento importante para delimitar fissuras com o método anterior, fundamentado na maioria das vezes, como foi dito, em uma ciência livresca. Na *Recreação* o leitor entra diretamente em contato com uma ciência de gabinete em que o recurso à experiência permeia toda a obra. A marca maior dessa obra, e o que esta traz de inovação no campo do ensino no Portugal setecentista, é esse interrogar da natureza através da experiência guiada pela luz da razão.

Acreditamos que a questão da experiência e da razão na *Recreação filosófica* sejam os pontos de inflexão que caracterizam como Moderna a obra de T. de Almeida, segundo as suas próprias definições. A questão que se coloca é de fundo bem mais complexo do que simplesmente definir um ou outro autor como “antigo” ou “moderno”. cremos que o ecletismo filosófico seja, por si só, exemplo do cuidado que devemos tomar ao definir posturas demasiado rígidas. É válido, portanto, recorrermos à advertência que o professor Laerte Ramos de Carvalho nos faz acerca dessa questão: “Moderno, no caso, não é apenas um termo: é uma condição dialética de pensamento, uma atitude de valores e processos da cultura”.⁸ Nesse sentido, precisamos ter em mente que não há, de forma alguma, uma oposição entre religião e ciência, no âmbito da obra que estamos analisando. A liberdade de pensamento que T. de Almeida reivindica concentra-se no âmbito da filosofia natural. As verdades da religião revelada são inquestionáveis. É justamente nessa reivindicação de escolha entre qualquer dos sistemas que se concentra um determinado ganho da filosofia moderna nos espaços exclusivos da filosofia peripatética. Devemos atentar para a situação em que T. de Almeida se encontra nesse momento, pois já é de uma relativa liberdade, se pensarmos na situação anterior, pois a sua posição no que concerne àquela ou a essa doutrina, já pode ser declarada sem constrangimentos. O século XVIII é herdeiro da centúria anterior no que respeita a valorização da experimentação na Física. É o legado da Idade da Razão, na qual se abre um espaço para a “maioridade intelectual” do homem. Há uma verdadeira exaltação do método experimental nas investigações da natureza. Cria-se uma expectativa e um grande entusiasmo, com relação às descobertas científicas. O progresso técnico vinculado à utilidade prática das ciências, instaura-se nas escolas e universidades com o intuito de formar cidadãos que saíssem bem preparados para que

⁸ CARVALHO, Laerte Ramos de. **As reformas pombalinas da instrução pública**. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1978, p.29.

contribuíssem com o desenvolvimento do país. De acordo com Rômulo de Carvalho: “Na física, esperavam resolver tudo por esse processo; e acreditavam que a experiência iria resolver todas as verdades que a Natureza mantinha escondidas”

Outra questão importante a ser ressaltada é a filiação do nosso autor ao ecletismo filosófico. Posicionamento que representou a primeira atitude no seio das instituições religiosas frente às idéias de renovação dos quadros tradicionais de ensino e do conhecimento tal como este vinha sendo ministrado. Sem perder as referências religiosas e teológicas que os balizavam, os letrados dessas instituições procuraram adotar uma atitude conciliatória entre as diversas correntes de pensamento que se colocavam como alternativas ao saber escolástico. Face ao imobilismo escolástico fez-se necessária uma tomada de posição diante dos novos sistemas explicativos. T. de Almeida deixa claro quando define o “estilo” que segue, afirmando que não se enveredará pelo caminho reto de nenhuma “escola” (filosófica) em particular. O que o guia em última instância, é a razão, a experiência, e o jugo da fé. Não se prende à nenhuma autoridade estabelecida, procura a verdade onde esta estiver não importando o sistema a que se reporte. A aceitação do “novo” e as rupturas sofridas não ocorrem de forma pacífica, nem as posturas adotadas são idênticas. A abertura de fissuras na “velha ordem” cultural ocorre de diversos modos. Robert Darnton, ao analisar o processo de renovação de saberes, no livro *Os Best-sellers Proibidos da França Revolucionária*, afirma: “(...) todo tipo de fissuras e falhas percorrem os sistemas culturais, de modo que compreendê-los envolve tanto conflito como coerência. Todavia o conflito mobiliza estruturas rivais (...) ou práticas discursivas rivais”.⁹ T. de Almeida configura na *Recreação* o processo de renovação dos saberes em Portugal e a busca por um sistema explicativo que dê conta das complexidades que o século coloca às mentalidades lusas do setecentos.

A importância conferida a um novo método que permita libertar as mentes de jugos e autoridades, tornar-se-á razão de estado. O que propiciará o investimento em uma ciência que proporciona um “descortinar da natureza”, e um apontamento da “causa de todos os efeitos ordinários e extraordinários que vemos com os nossos olhos”, já que é a natureza

⁹ DARNTON, Robert. *Os Best-sellers Proibidos na França Revolucionária*. Trad. Lisboa: Estampa, 1987, p. 71.

que contém os elementos e as potencialidades para um progresso material dos Reinos. O seu conhecimento é extremamente estratégico. No entanto, antes mesmo de uma política de estado orientada para o investimento no campo da filosofia natural, verificamos em Portugal a atuação de figuras que se anteciparam à esfera de ação do governo. Homens como Teodoro de Almeida que tomou a causa da divulgação da ciência moderna como profissão de fé e que trabalha forçosamente para o despertar das sensibilidades lusas à causa do século. O ponto crucial da obra desses divulgadores pedagógicos da nova ciência será o investimento na forma e no método para se opor ao saber com o qual se procura romper. Essa é a estratégia principal para lutar contra os artifícios da escolástica e demonstrar a sua insuficiência diante da complexidade do século. Uma vez que, não verificamos um questionamento dos dogmas da religião, mas antes uma separação entre essas esferas, mas não uma oposição. Para T. de Almeida, por exemplo, a ciência, traz os aportes necessários para o aumento do conhecimento nos atributos divinos. A natureza é antes de tudo, a “mão de Deus”, é a Grande Obra do Supremo Artífice. Portanto, é extremamente válido investir em recursos que proporcionem o desvelamento dos seus mistérios. Segundo Contente Domingues, “Chegar ao âmago dos fenômenos naturais não afasta ninguém de Deus, antes o aproxima, porque quanto mais a imagem do mundo é renovada pela filosofia moderna mais ilustra a onipresença divina.”¹⁰

O embate principal que se estabelece como vimos é contra toda a forma de conhecimento que limita o pensamento. Luta-se contra posições que recusam métodos e artifícios que proporcionam o aumento do conhecimento na obra do criador. É preciso instaurar um mecanismo que permita justamente uma busca pelos diversos sistemas filosóficos, questão essa que não se dá de forma tão simplificada. Pois o ecletismo e o considerar-se moderno, em Portugal nesse período, é antes de tudo uma atitude dialética de pensamento. Os modernos, segundo Ana Cristina, encabeçam uma “ (...) profissão de fé na ciência e no progresso, (...), multiplicam iniciativas que antecipam, com bons fundamentos, realizações futuras e que apontam para o dismantelamento progressivo da velha ordem

¹⁰ DOMINGUES, Contente. Op. Cit., p. 68.

cultural, mas não se desfazem de um dia para o outro do peso das convenções herdadas.”¹¹
É um olhar direcionado concomitantemente para o passado e o futuro.

¹¹ ARAÚJO, Ana Cristina. Op. Cit., p. 18